

## DO PANOPTICON AO BIG BROTHER: A VIGILÂNCIA DO PODER

**DISCIPLINAR NA OBRA 1984.** Guilherme da Silva Gorjon, José Geraldo Alberto

Bertoncini Poker. – Filosofia – Filosofia – Departamento de Sociologia e Antropologia – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

Michel Foucault, filósofo francês, durante seus estudos acerca da genealogia dos saberes, encontra na estruturação da sociedade moderna, a formação e estabelecimento de uma forma de relação de poder essencial para a construção e manutenção desta mesma sociedade, a qual denomina *poder disciplinar*. A princípio, o poder, para Foucault, apresenta-se fundamentalmente não como uma posse que se exerce conforme uma hierarquia, mas sim como o exercício de poder, que perpassa todas relações individuais do corpo social.

Enquanto isso a forma de poder denominada *disciplinar*, consolidada na Modernidade e sustentáculo da ordem social que se estabelece neste momento, tem por fundamento três aspectos: a organização do espaço, a organização do tempo, e a vigilância. O autor percebe estes três aspectos nascendo juntamente com as novas instituições que moldam a sociedade no período pós Revolução Industrial. As instituições, como a escola, o hospital, a prisão, o exército, a indústria, são perpassadas por um planejamento de estruturação espacial e temporal visando sempre a maior eficácia do cumprimento de seus fins com o menor esforço para realizá-lo, seja o fim pedagógico educacional do ambiente da escola, seja o fim produtivo do ambiente da indústria. A vigilância, por sua vez, visa a manutenção desta organização, ela representa a prontidão de um órgão para reparar um possível desvio no funcionamento dentro dessas instituições.

É justamente este último aspecto que esta pesquisa visa, em primeira análise, perceber dentro da obra 1984 de George Orwell, romance inglês que narra a história de Winston Smith, um funcionário do INGSOC, partido que governa uma sociedade distópica cujo um dos pilares de sustentação é o seu sistema de vigilância super aprimorado. O objetivo da pesquisa é demonstrar que o sistema de vigilância representado pelo Big Brother no 1984 na verdade se assemelha ao Panopticon, modelo arquitetônico de prisão proposto por Bentham no século XVIII e estudado por Foucault enquanto lidava com a questão da vigilância.

Tal pesquisa pretende se fazer tomando como base teórica os estudos de Michel Foucault acerca das relações de poder, pensando o modo como elas se apresentam no corpo social e de que maneira elas passam a consolidar o formato de sociedade no qual o autor se encontra, e por sua vez, relacionando tais estudos com a obra 1984, estabelecendo em que pontos da literatura de Orwell o poder disciplinar se apresenta.

A temática da pesquisa tem sido discutida juntamente com o ciclo de estudos sobre Michel Foucault promovido pelo Programa de Educação Tutorial – PET – de Ciências Sociais da FFC UNESP – campus de Marília – durante todo o ano letivo de 2006, no qual demais trabalhos relacionados às questões tratadas pelo autor estabelecem um diálogo com a presente pesquisa.

Durante as discussões percebeu-se que, em certa medida, o Big Brother orwelliano segue a mesma concepção do Panopticon, na medida em que a vigilância da sociedade de 1984 é um modelo aperfeiçoado, aprimorado e ampliado para o âmbito de toda a sociedade, sem se restringir a uma única instituição, do sistema de vigilância apresentado por Bentham.

O princípio básico da Panopticon, apresentado pelo autor, consiste em criar uma sensação de vigilância permanente no recluso, por meio da própria arquitetura do presídio. O prédio no qual se encontram as celas se organiza essencialmente em uma disposição circular, sendo que no meio de tal círculo fica a torre de vigilância. As celas são individuais, e suas janelas são amplas para que se permita amplamente a passagem de luz, notando-se que nesse aspecto se faz presente um princípio contrário ao modelo de prisão da masmorra, ao invés de esconder o recluso, a formato de sua cela o evidencia a todo momento, em contrapartida, na disposição espacial em que se encontra, o recluso é incapaz ter a percepção de quem o vigia na torre, e portanto, é também incapaz de saber quando é vigiado, e quando o deixa de ser.

Nessa medida, o recluso internaliza a própria vigilância em si, ou seja, na incerteza de estar vigiado ou não, ele passa a se comportar como se os olhos do vigia da torre estivessem o observando o tempo todo, supondo que esta não poderia deixar de ser a verdade. Desse modo, a vigilância não mais é

executada propriamente por aquele que detêm o papel de vigia, mas pelo vigiado que condiciona seu comportamento, realizando sua própria vigilância, e se tornando seu próprio vigia.

Por sua vez, a estrutura de vigilância que compõe a sociedade descrita na obra 1984 não parece divergir desse modelo apresentado, já que todo aparato tecnológico do Partido promove uma sensação de vigilância permanente nos membros dessa sociedade. O primeiro e talvez o mais evidente recurso que cumpre o papel de olho do Partido é a tela-tela, um aparelho semelhante a uma televisão que é capaz de capturar imagens e sons tanto quanto transmiti-los, toda casa é equipada com tal aparelho, de modo que o Partido pode observar a todos em seus ambientes domésticos, e ainda os membros da sociedade não tem ciência da frequência com que o Partido observa suas casas, o que os leva a crer que a vigilância pode ser permanente. Além da tela-tela, existe ainda a Polícia do Pensamento, que é responsável por observar os membros da sociedade em seu cotidiano, e também por prender os indivíduos que demonstrem um comportamento inadequado ao Partido. Entre os aparatos de vigilância destaca-se também uma rede de observadores mirins denominada Espiões, tal rede é composta por crianças que analisam o comportamento dos adultos, sobretudo dos próprios pais e se reportam à Polícia do Pensamento. E além disso, muitos outros elementos enfatizam e contribuem com a construção de uma sensação de vigilância permanente dentro do 1984, os numerosos cartazes com a face vigilante do Grande Irmão com os dizeres “O Grande Irmão zela por ti”, a mesma face desenhada nas moedas, selos, capas de livros e maços de cigarro.

Tal sensação de vigilância permanente, assim como no Panopticon, leva as personagens da obra a agirem como se fossem observadas realmente durante todo o tempo, e finalmente a se tornarem vigias de si mesmos. E dessa maneira, tanto o Big Brother quanto o Panopticon realizam a mesma função.

Referência Bibliográfica:

FOUCAULT, M. *A microfísica do poder*. 10ª ed. Rio de Janeiro : Graal, 1992.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. 20ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

ORWELL, G. 1984. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 4ª ed. 1970.

**Bolsa:** PET/MEC SESu